

O TRANSPORTE MARÍTIMO COMO ATIVIDADE COMPLEMENTAR DOS PESCADORES DA PRAIA DO PÂNTANO DO SUL – FLORIANÓPOLIS/SC

Sílvio José de Oliveira¹

Leila Chaves Cunha²

RESUMO

No estado de Santa Catarina desenvolve-se a atividade, no que se refere à atividade pesqueira, a piscicultura, que é o cultivo, e a captura no mar, que pode ser industrial ou artesanal. No período de defeso, que é a proibição da pesca em determinados meses do ano, os pescadores do Pântano do Sul, em Florianópolis desenvolvem a atividade de transporte marítimo. Deste modo, o objetivo da presente pesquisa é avaliar o transporte marítimo como atividade complementar dos pescadores do Pântano do Sul - Florianópolis/SC. Trata-se de pesquisa qualitativa e descritiva. O instrumento de coleta de dados é a entrevista, aplicada a três pescadores da região, onde busca-se identificar aspectos históricos, sociais e econômicos da atividade de transporte marítimo.

Palavras-chave: pesca; transporte marítimo; período de defeso.

1 INTRODUÇÃO

A atividade pesqueira define-se por uma atividade que movimenta a economia e subsidia inúmeras famílias que sobrevivem da pesca. No estado de Santa Catarina se divide nas seguintes categorias: o cultivo denominado piscicultura, que pode ser em águas de interior (água doce) e em águas marinhas; e a captura no mar, que pode ser industrial ou artesanal. A atividade industrial tem alto impacto não só na economia do Estado como também impacta as comunidades de pescadores na ilha de Florianópolis que exercem a atividade pesqueira artesanal. O exercício da pesca artesanal é praticado durante todo o ano, com exceção do período de defeso³ instituído pelo Instituto de Planejamento e

¹ Aluno do curso e Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi).

² Doutora em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau – FURB; Professora e Coordenadora do curso de Ciências Contábeis na Unidavi.

³ É o nome dado ao período em que há restrições nas atividades de pesca para que as espécies possam se reproduzir, essa interrupção ocorre a fim de evitar o desequilíbrio do ciclo ecológico.

Economia Agrícola de Santa Catarina (IPEA/SC) para preservação de determinadas espécies (IPEA/SC, 2019).

De acordo com Barros, Barros e Silva (2012), o período de defeso consiste na proibição do exercício da pesca em determinados meses do ano - período no qual há a reprodução das espécies - a fim de evitar um desequilíbrio no ciclo ecológico. Este período é estabelecido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) de acordo com o tempo em que as espécies aquáticas, especialmente crustáceos e peixes, se reproduzem na natureza (FREITAS, et al., 2016).

No período de defeso os pescadores artesanais precisam encontrar outra fonte de renda, pois não podem praticar a pesca por uma demanda de preservação ambiental. Alguns tentam encontrar outras formas de subsistência utilizando seu próprio barco ou se associando a outros pescadores que estão na mesma situação. A atividade marítima com fins de transportar pessoas para turismo parece ter ganhado destaque nas atividades remuneradas dos pescadores do Pântano do Sul em Florianópolis. Neste contexto, o objetivo da pesquisa é avaliar o transporte marítimo como atividade complementar dos pescadores do Pântano do Sul - Florianópolis/SC.

O transporte marítimo é comumente utilizado em larga escala para traslado de cargas entre continentes e regiões do território nacional. Porém, existe outro uso desse recurso de transporte que vem sendo utilizado pelos pescadores como atividade complementar da renda familiar. Apesar deste apontamento, ainda há de se investigar como essa atividade supre a demanda de complementação de renda. Neste sentido, o presente trabalho se justifica, pois poderá elucidar como os pescadores complementam sua renda com o transporte marítimo.

2 REVISÃO DA LITERATURA-

Nesta seção, apresenta-se a revisão da literatura que sustenta a presente pesquisa, em que são tratados dos seguintes temas: atividade de pesca artesanal; atividade de transporte marítimo; e, estudos relacionados.

2.1 ATIVIDADE DE PESCA ARTESANAL

Com o declínio dos setores econômicos mantidos pelo cultivo de café e açúcar no Brasil, a pesca artesanal surgiu como uma prática comercial que pretendia suprir as demandas da economia. Assim, seu início se dá no século XX, movimentando a economia e também garantindo a preservação histórica e cultural das comunidades ribeirinhas do Brasil. Segundo Barros, Barros e Silva (2012) “a pesca artesanal se configura como a atividade realizada por pescadores autônomos, responsáveis pela captura e desembarque das espécies aquáticas.” (BARROS; BARROS; SILVA, 2012, p. 105). Este estilo de pesca é considerado uma prática comum entre comunidade ribeirinha por ter baixo custo na elaboração dos equipamentos para pesca.

A pesca artesanal é regulamentada pelo Estado de Santa Catarina através da lei de nº 11. 959 de 2009, que define pescaria artesanal como prática comercial quando praticada diretamente por pescadores profissionais, tanto de maneira autônoma quanto em regime de economia familiar, podendo possuir os meios de produção ou mediante contrato ou parcerias podem usar embarcações de pequeno porte.

É importante ressaltar que, conforme informam Barros, Barros e Silva (2012), os pescadores artesanais são homens e mulheres de vida simples e fazem da pesca sua profissão mais comum e também seu principal meio de subsistência. A pesca artesanal ocorre de maneira sustentável e em pequena escala, visando primeiro suprir as demandas da família e da comunidade e secundariamente ligando-se à comercialização. Dessa forma, tais autores demonstram que para além de uma atividade que visa lucro, a pesca artesanal diz respeito a sobrevivência de uma cultura local.

Considerada a atividade laboral que movimenta a economia das comunidades pesqueiras, como já foi dito acima, a pesca artesanal, no entanto é interrompida durante alguns meses do ano por causa do defeso. Durante o período do defeso os pescadores ficam desempregados, ou como melhor definem Barros, Barros e Silva "são submetidos ao desemprego involuntário e sazonal" (BARROS, BARROS E SILVA, 2012, p. 106) já que não podem exercer a atividade pesqueira durante o período que visa preservar a reprodução das espécies. De acordo com o IBAMA (2009) há um interstício no período da pesca de algumas espécies para sua reprodução e preservação.

A lei nº 10.779 de 2003, que prevê uma espécie de seguro desemprego para época do defeso. Esse seguro garantiria aos pescadores que ficam sem renda o recebimento de um salário mínimo durante esse período. Porém, há inúmeros registros de fraudes nas distribuições desses seguros, prejudicando aqueles pescadores que sobrevivem da pesca e não tem outro tipo de renda no período em que a pesca é proibida e precisam desse seguro

para sobreviver. É também importante salientar que os pescadores, em sua maioria, possuem baixa escolaridade, fator que dificulta a inserção em outros setores do mercado de trabalho formal. Barros, Barros e Silva (2012) sugerem que sejam desenvolvidas nas comunidades atividades formativas, a fim de formar e possibilitar aos pescadores outras maneiras de sobreviver e trabalhar durante o período do defeso.

2.2 ATIVIDADE DE TRANSPORTE MARÍTIMO

A atividade de transporte marítimo em sua maioria é destinada a comercialização de mercadorias que tangem setores de relações internacionais e nacionais também. Segundo Tavares (2013) o Brasil é um dos países que mais utiliza o transporte aquaviário, transporte que pode ser realizado tanto em mares quanto em lagos e rios, dividindo-se em áreas específicas: lacustre, fluvial e marítimo. O transporte marítimo se subdivide em dois tipos de navegação: a de longo curso, traslado entre países e continentes e a navegação de cabotagem, traslado entre Estados do mesmo território nacional. O navio é o principal meio de transporte, porém também se utiliza de barcas para o transporte de pequenas distâncias.

Segundo Keedi (2007 *apud* TAVARES, 2013) o transporte marítimo no Brasil corresponde a aproximadamente 90% das transações de exportação e importação. É o transporte mais utilizado no comércio internacional já que possui baixo custo, considerando que navios possuem a capacidade de transportar grandes quantidades de cargas.

Em Santa Catarina o transporte marítimo com fins comerciais também tem destaque, principalmente no que se refere a transporte de containers, especificamente no Porto de Itajaí⁴, que concentra maior parte das atividades portuárias do Estado. É esse tipo de transporte marítimo que possui maior evidência em Santa Catarina (MIGUEL; SOUZA, 2017). Porém há de se considerar que dentro das comunidades pesqueiras da região da grande Florianópolis os pescadores fazem outra utilização do transporte marítimo, essa atividade diz respeito ao transporte de pessoas entre distâncias pequenas em lugares turísticos, principalmente pequenas ilhas ao redor de Florianópolis, conforme aponta Severo (2008, p. 53):

⁴ Localizado na cidade de Itajaí Litoral de Santa Catarina, é considerado o segundo maior porto do país no que diz respeito ao transporte de containers no Brasil.

Além desses aspectos relativos especificamente a atividade pesqueira artesanal, fatores socioeconômicos em um nível de abrangência maior também trouxeram importantes reflexos para os pescadores artesanais do Estado de Santa Catarina, tais como o crescimento do turismo e a especulação imobiliária. Esses fatores repercutem de diferentes formas em diferentes regiões ou comunidades pois na medida em que surgem oportunidades de complementação da renda familiar, os pescadores podem passar a exercer outras atividades, tais como a prestação de serviços ligados ao turismo.

No mesmo sentido, Ferreira et al. (2016, p. 3) destacam que: “Embora a maioria dos municípios costeiros tenham se originado a partir de vilas de pescadores que remontam ao século 18, raramente as relações do turismo com a atividade pesqueira têm sido consideradas quando se trata do turismo na costa brasileira”.

2.2.1 Atividade de transporte marítimo no contexto turístico

Uma quantidade significativa de ocupações parece estar atrelada, direta e indiretamente, ao fluxo de visitantes que invadem as praias de Santa Catarina durante o verão. No inverno, os fluxos turísticos, mesmo que menores, direcionam-se à Serra Catarinense. Já na primavera ocorrem as festas de outubro, tornadas tradicionais no Vale do Itajaí. Portanto, à primeira vista, já existe um fluxo consistente de visitantes em nosso Estado que garante uma maior regularidade nas ocupações ligadas ao turismo, embora haja períodos em que o aumento dos postos de trabalho no setor parece ser mais significativo (ZANELLA, 1999).

Contudo, é necessário que sejam discutidas melhor as diferentes facetas do turismo. Alguns estudos têm mostrado que a expansão turística, particularmente no litoral catarinense, contribui para a degradação ambiental (FERREIRA, 1992; MORETTO; NETO, 1993; CÂMARA, 2001).

Já para outros autores dizer que o turismo gera postos de trabalho é insuficiente, tendo em vista a precariedade e os salários baixos das ocupações criadas, como já apontado anteriormente (OURIQUES, 1998).

2.2.2 Turismo em Santa Catarina: Notas sobre o mercado de trabalho no setor Helton Ricardo Ouriques

Para entender as discussões acerca do turismo, cabe investigar se as características mundiais do setor, já apontadas na literatura (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT, 2001; ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT, 2001), também aparecem em Santa Catarina. Segundo a OMT (2001) e a OIT (2001), os empregos do turismo são precários, temporários, com remunerações abaixo da média, baixos índices de sindicalização, com baixa qualificação, utilização intensiva de trabalho infantil e feminino (que tem remuneração inferior ao trabalho masculino adulto).

Deste modo, pretendo nesta pesquisa entender se o setor turístico catarinense segue as tendências mundiais dadas na precarização do trabalho apontada acima ou se o turismo catarinense é motor de desenvolvimento econômico local.

2.2.3 Uma apreciação geral sobre o turismo em Santa Catarina

De acordo com Zanella (1999), é necessário salientar, inicialmente, que as atividades ligadas ao turismo vêm se expandindo sobremaneira em Santa Catarina desde os anos 1980 no contexto maior da própria expansão mundial e nacional dessas atividades. Embora já constasse nos discursos e planos de governo anteriores aos anos 1980, a atividade turística somente vai se tornar um objeto importante de preocupações políticas no Estado a partir deste período. Isso se deve às grandes enchentes ocorridas no Estado em 1983 quando, segundo aponta Zanella, o turismo entra na ordem do dia como uma das alternativas econômicas para colaborar na reconstrução do Vale do Itajaí. Como exemplo deste processo basta mencionar que as festas de outubro foram inventadas justamente após as enchentes que se abateram sobre Santa Catarina.

Sendo alçado à condição de alternativa prioritária para a reconstrução das regiões atingidas no Estado, o turismo passa a nortear as políticas de desenvolvimento dessas áreas. É nesse contexto que deve ser compreendida a utilização da cultura local pelo turismo. Assim, assiste-se ao surgimento do fenômeno da “invenção das tradições” (HOBSBAWM, 1984). Isso se dá através da colocação, em primeiro plano, dos componentes étnicos como explicativos das diversidades regionais catarinenses. Segundo Ouriques (2007) As colonizações alemã e italiana, por exemplo, pautam a propaganda turística no Vale do Itajaí, no Norte e no Sul do Estado. A colonização açoriana configura-se como elemento importante no turismo litorâneo, em especial na Ilha de Santa Catarina.

É por isso que, a partir de meados de década de 1980, os documentos oficiais, propagandas turísticas e mesmo artigos científicos acabam citando e descrevendo as diferenças regionais catarinenses através das distintas formas de colonização que são aproveitadas como ingredientes da visitação turística (OURIQUES, 2007, p. 10).

Essa valorização do componente étnico, é importante que se registre, é uma estratégia já clássica de criação de nichos de mercado no turismo.

Para entender esse processo Ouriques (2007) afirma que se pode citar as experiências europeias, nas quais as diferenças de língua, alimentação, comportamentos, folclores são aproveitadas como mecanismos de afirmação e recriação de identidades locais e, é claro, de produção do turismo, através do resgate do passado que é transformado, portanto, em mercadoria. Tal autor informa ainda que é necessário que se aponte um paradoxo:

ao mesmo tempo em que se busca resgatar as tradições em benefício da indústria do turismo, os modos de vida não regidos por relações tipicamente capitalistas entram em processo de decadência e mesmo de extinção. O caso mais evidente é percebido no litoral, onde as comunidades pesqueiras e artesanais, isto é, baseadas na pequena produção mercantil, foram sendo paulatinamente expropriadas e transformadas em comunidades de trabalhadores assalariados (OURIQUES, 2007, p. 10).

Ainda de acordo com tal autor, a expropriação se dá pela perda da possibilidade de uso e ocupação do solo que reflete-se na dispersão das propriedades e na venda de terrenos. Assim, em muitas comunidades ocorreu um processo de perda de terras e dificuldade para manter as pequenas lavouras que eram fontes do sustento local. Conjuntamente, dificuldades na pesca artesanal trazidas pela presença de barcos de pesca em alto-mar foi transformando os pescadores autônomos em trabalhadores assalariados (OURIQUES, 2007).

Esse argumento também é desenvolvido por Canclini (1983) que aponta que a “fascinação nostálgica pelo rústico e pelo natural é uma das motivações mais invocadas pelo turismo” (CANCLINI, 1983, p. 66). Para este autor, embora o objetivo básico do sistema capitalista seja a apropriação da natureza e a subordinação de todas as outras formas de produção à economia mercantil, “esta indústria multinacional que é o turismo necessita preservar as comunidades arcaicas como museus vivos” (*idem*). Ressalte-se que esse processo não é exclusivo e específico do território catarinense. Vários pesquisadores já relataram situações similares de resgate das tradições, de forma inventada, como por

exemplo John Urry (1996), que fala da “autenticidade encenada”, citando o caso de uma pequena cidade da Inglaterra na qual as pessoas estariam, cada vez mais, utilizando trajes medievais, com o intuito de fazer com que os turistas tivessem um contato visual e tangível com o passado. Também são inventadas “tradições novas”, especificamente para atender aos turistas.

No Nepal, por exemplo, “o festival de Ladakh, realizado na primeira semana de agosto, foi criado recentemente pelo Serviço de Turismo com o único intuito de atrair visitantes” (SCHACKLEY, 1999, p. 28). O fato é que a cultura local é transformada em bem de consumo, equiparada a quaisquer outras mercadorias, como denuncia Robinson: “cerimônias religiosas, ritos e festas étnicas são constantemente empobrecidos e asseptizados para corresponder às expectativas dos turistas” (ROBINSON, 1999, p. 22). O mesmo tipo de crítica é efetuado por Schackley (1999), que mostra como o sucesso do budismo no Ocidente transformou-o em atração turística.

[...] essas festas, com suas magníficas danças com máscaras, cumpriam antigamente um papel essencial na aproximação das comunidades isoladas. Hoje, porém, frequentemente são transformadas em produtos culturais para turistas. Em decorrência de seu sucesso comercial, as práticas tradicionais foram descaracterizadas, e as populações locais afastaram-se (SCHACKLEY, 1999, p. 28).

Voltando ao espaço catarinense, não é surpreendente os esforços dos capitalistas do turismo, da imprensa e dos políticos em promoverem, por exemplo, “o manezismo”, “o modo de vida ilhéu” e, indo para o interior, as culturas “europeias” dos colonizadores do Estado de Santa Catarina. Trata-se, para o caso da grande Florianópolis em especial, de transformar algo que até bem recentemente era ofensivo (ser “mané” era sinônimo de ser “atrasado” ou “bronco”) em uma forma de autovalorização (OURIQUES, 2007).

2.3 ESTUDOS RELACIONADOS

Para pensar pesca artesanal apresenta-se neste trabalho alguns dados e análises de pesquisas realizadas por Barros, Barros e Silva (2012) e também de Freitas et al. (2016), para definir a pesca artesanal e de que forma funciona o período do defeso. Para Tavares (2013) especificamente 90% das atividades de transporte marítimo no Brasil corresponde às atividades de importação e exportação. Apesar dessa predominância do transporte marítimo como atividade vinculada ao comércio de mercadorias, podem existir outras

atividades produtoras de renda para as famílias de pescadores durante o período de defeso da pesca, como observa Freitas et al. (2016).

Entre os pescadores do bairro Pântano do Sul, o transporte de pessoas em passeios turísticos desponta como uma dessas atividades que geram renda extra para os pescadores. Todavia, trabalhos como o de Ferreira (1992), Moreto e Neto (1993) e Câmara (2001), apontam como a expansão turística causa um impacto negativo no meio ambiente. As análises de Ouriques (1998) também demonstram preocupação ao avaliar as atividades turísticas. Tal autor coloca em questão a ideia de que o turismo impulsiona o setor empregatício e problematiza as condições estabelecidas nos trabalhos gerados da demanda turística.

Mesmo com as pesquisas que trazem resultados sobre os impactos no meio ambiente e nas condições de trabalho, o turismo parece ser a principal estratégia comercial em Santa Catarina. Como nos apresenta Zanella (1999) a história mostra que o estímulo ao turismo sempre esteve ligado a uma estratégia de superar uma crise anterior, como no caso do grande incentivo ao turismo na região do Vale do Itajaí após a catástrofe de 1984. É interessante observar que esse turismo também está implicado a uma estética que remete a uma ideia de “nativo” ou natureza. Neste sentido, Canclini (1983) demonstra que esse incentivo ao turismo faz alusão à uma experiência que remete à natureza, ao rústico e que isso representa também uma estratégia capitalista para explorar as comunidades locais.

3 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa descritiva e abordagem do problema é qualitativa. Para atender ao objetivo da pesquisa que é avaliar o transporte marítimo como atividade complementar dos pescadores do Pântano do Sul - Florianópolis/SC, realiza-se pesquisa de campo junto aos pescadores da referida localidade, o instrumento de coleta de dados utilizado é a entrevista semiestruturada aplicada a três pescadores.

A escolha dos respondentes se deu pelo fato de um deles ser o responsável pela administração das atividades de transporte marítimo de pessoas na região do Pântano do Sul e a escolha dos demais se deu por acessibilidade. Destaca-se que os pescadores se conhecem entre si e acabam formando uma rede de relações gerida pelo transporte marítimo como atividade turística.

Na entrevista busca-se identificar aspectos históricos, econômicos e sociais da atividade complementar à pesca, que consiste no transporte tanto para passeio, como traslado de barco da Praia do Pântano do Sul para as localidades próximas.

No que se refere aos aspectos históricos, busca-se identificar como e quando se iniciou a atividade de transporte; sobre os aspectos sociais, busca-se avaliar a influência desta nova atividade na comunidade; e no que tange os aspectos econômicos, procura-se verificar o impacto econômico para os pescadores, a partir do desenvolvimento da atividade de transporte.

A entrevista é aplicada *in loco* no ambiente dos pescadores, é gravada e logo após transcrita. Posteriormente à transcrição, solicita-se aos pescadores que avaliem o material e, caso necessário, podem corrigir as informações no texto. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, com número do parecer: 11346919.2.0000.5676.

Os resultados serão apresentados identificando-se a percepção dos três entrevistados sobre os aspectos evidenciados na entrevista em que se buscará identificar convergências e divergências nas percepções de cada um dos respondentes. Destaca-se que, para manter o sigilo da identidade dos respondentes, serão identificados como Entrevistado Um; Entrevistado Dois; e, Entrevistado Três.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O Entrevistado Um é morador do bairro Pântano do Sul, tem cinquenta anos e se dedica à atividade de pesca há trinta e cinco anos. Integra uma rede de pescadores que conta com oito barcos, dezesseis tripulantes e alguns ajudantes de apoio. No total, em sua comunidade somam-se quarenta trabalhadores envolvidos com a pesca. Entre estes pescadores, pelo menos trinta e cinco estão envolvidos no transporte marítimo, atividade complementar à pesca. O Entrevistado Um afirmou realizar essa atividade há aproximadamente dezenove anos. Nestes dezenove anos, o pescador informou que sempre trabalhou exclusivamente com o transporte de pessoas. Particularmente, realiza a travessia de passageiros entre a praia do Pântano do Sul e a praia da Lagoinha do Leste, como boa parte dos pescadores locais que trabalha com transporte de passageiros:

Saída da Praia do Pântano do Sul , sobe no barco através de uma escada, dá uma média de 30 minutos até a praia da Lagoinha do Leste. Lá é feito um transbordo para uma lancha inflável que leva os passageiros até a areia da praia. O valor

cobrado é de R\$35,00 por passageiro ida e R\$35,00 a volta, iniciando as atividades em 23 de dezembro e finalizando as atividades até a última semana após o carnaval (ENTREVISTADO UM).

De acordo com o Entrevistado Um a atividade de transporte de passageiros tem uma importância fundamental para as atividades turísticas que se intensificam no verão de Florianópolis, pois auxilia àqueles visitantes que alugam casas no litoral e, portanto, favorece o turismo local ao mesmo tempo em que aporta uma significativa contribuição para a renda familiar dos pescadores que se colocam a trabalhar nestes transados: "Na comunidade ajuda a ter um maior atrativo para aqueles inquilinos que se hospedam nas casas de aluguel, pois o transporte marítimo além de ajudar na renda das famílias, enriquece o turismo local" (ENTREVISTADO UM).

No que tange ao seu trabalho no transporte marítimo, o Entrevistado Um afirma que esta atividade é mais tranquila que a pesca e, sobretudo, ao destacar o ganho financeiro (que chega a ser o dobro daquele trazido pela pesca) que tal atividade traz para sua família que enfrenta o período de defeso da Anchova durante o verão, único período em que a atividade de transporte é realizada:

Mudou o jeito de trabalhar por ser um trabalho mais leve que a pesca e a parte financeira ajuda em muito devido ser a época de defeso do principal pescado que é a Anchova. Com o complemento da renda nesta época melhora a qualidade de vida por proporcionar maior poder de compras. Representa a duplicação da renda (ENTREVISTADO UM).

Já o Entrevistado Dois, de cinquenta e três anos, é pescador há trinta e oito anos e desempenha atividade de transporte marítimo também há dezenove anos. Ele está inserido em uma comunidade formada por aproximadamente setenta pescadores. Dentre estes, aproximadamente quarenta pescadores estão envolvidos com o transporte marítimo além da pesca. Este transporte é, segundo afirmou o Entrevistado Dois, em sintonia com o que narrou o Entrevistado Um, dedicado exclusivamente para o transporte de pessoas/turistas entre as praias do Pântano do Sul e da Lagoinha do Leste. De acordo com este pescador a diferença entre o transporte de turistas e o transporte para trabalho (também um estilo de transporte marítimo realizado em Santa Catarina) se dá pela composição do público que recorre a tais serviços e também é marcada pela intermitência do serviço prestado por aqueles que se dedicam ao transporte de turistas:

O público é que é a diferença. São atendidos na sua grande maioria turistas que estão hospedados em casas alugadas ou que estão apenas a passeio no dia. O transporte na modalidade de trabalho é para atender a demanda de uma parcela da população local para se deslocar cotidianamente, por exemplo, na comunidade da Costa da Lagoa o serviço é permanente o ano inteiro e inclusive até uma parte da noite (ENTREVISTADO DOIS).

Quando questionado a respeito do porquê ter se desenvolvido este estilo de atividade de transporte marítimo entre os pescadores do Pântano do Sul, Entrevistado Dois é afirma: "Para complementar a renda no período do defeso". Como já havia apontado o Entrevistado Um, o Entrevistado Dois também informou que o ganho que consegue com esta atividade complementar chega a dobrar a renda familiar e com isso traz maior estabilidade para a família e para a comunidade. Contudo, quando comentou sobre as condições de trabalho no transporte marítimo de passageiros. Além disso, destaca a leveza desta atividade em relação à pesca e teceu importantes reflexões sobre o lugar e a falta do incentivo governamental a tais atividades:

Apesar de ser mais brando o serviço comparado à pesca, as condições não são das melhores, pois não há apoio da prefeitura e dos órgãos de turismo no sentido de subsidiar alimentação, combustível e equipamentos auxiliares como um trapiche para melhor conforto, segurança e agilidade durante o embarque e desembarque de passageiros (ENTREVISTADO DOIS).

O último pescador entrevistado para este trabalho, aqui denominado de Entrevistado Três, de cinquenta e quatro anos e com uma história de quarenta anos de trabalho com pesca e trinta anos dedicados ao transporte marítimo na praia do Pântano do Sul em Florianópolis/SC. Ele faz parte de uma comunidade formada por mais de cinquenta pescadores, dentre os quais mais de quarenta se dedicam ao transporte marítimo além de trabalharem como pescadores. Diferentemente dos pescadores entrevistados anteriormente, o Entrevistado Três comentou que para além de se dedicar ao transporte de turistas no verão, por vezes também realiza passeios turísticos de barco apresentando algumas ilhas da região.

O Entrevistado Três ainda apresenta outra questão de destaque: a conexão do trabalho de transporte marítimo entre as comunidades de pescadores e a preservação das espécies de peixes presentes na região durante o período do defeso, no qual, como afirma: "não se mata peixe nesse período, apenas se recebe o valor do defeso" (ENTREVISTADO TRÊS). Ainda destaca que o valor recebido pelos pescadores no período do defeso insuficiente para manutenção da vida familiar, daí decorrendo a necessidade de recurso a outras atividades econômicas durante o período do verão. Para o pescador, o transporte

marítimo de passageiros se destaca como uma possibilidade única de manter a família e em suas palavras tal atividade é: "um meio de sobreviver, representa mais que a pesca habitualmente" (ENTREVISTADO TRÊS).

Assim, destaca-se na fala dos três pescadores pesquisados a importância da atividade complementar de renda que é o transporte marítimo de passageiros na praia do Pântano do Sul durante o defeso por garantir a subsistência da comunidade e por destacar o turismo local.

4 CONCLUSÃO

Destaca-se, a partir da fala dos três pescadores entrevistados nesta pesquisa, que a atividade de transporte de passageiros na praia do Pântano do Sul em Florianópolis é uma importante estratégia de sobrevivência para a comunidade de pescadores locais. Sem ela as famílias estariam com dificuldades financeiras, já que como afirmam, o que recebem no período do defeso não é suficiente para o sustento, indicando que transporte marítimo de passageiros impacta de forma substancial a comunidade pesqueira.

Ao mesmo tempo, as respostas dos pescadores entrevistados nos mostram que a existência já consolidada destas atividades de transporte de turistas, que existem com força há mais ou menos vinte anos nesta praia, é um impulsionador do turismo no sul da ilha de Florianópolis, em especial no bairro do Pântano do Sul, lócus investigado neste trabalho. Estas atividades favorecem tanto o turista que deseja realizar passeios e se deslocar mais rapidamente para a famosa praia da Lagoinha de Leste (acessível apenas por barco ou trilha em meio à mata), quanto à comunidade que disponibiliza casas para aluguel de temporada no verão e que auferem com esta prática incrementos na renda anual.

Além do aspecto econômico, destaca-se o registro dos entrevistados de que a prática do transporte de turistas é menos cansativa para os pescadores do que a prática da pesca.

Portanto, conclui-se que o transporte marítimo de passageiros no Pântano do Sul é uma atividade complementar de renda fundamental para os pescadores da comunidade local. Sem ela tais pescadores estariam enfrentando condições mais precárias de subsistência no período de defeso e a preservação de algumas espécies poderia, deste modo, estar em risco.

REFERÊNCIAS

BARROS, Carolina S. S. B.; BARROS, Kalyne R.A.G.; SILVA, Wladimir C. e. *A inoperância do estado no pagamento do seguro-desemprego do defeso e as suas consequências à biota*. In: Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju v. 1, n.14, p. 103-113, out. 2012.

CÂMARA, Maurício R. *O turismo no litoral de Santa Catarina: tensões, conflitos e reorganização espacial*. Florianópolis, UFSC, 2001, 214 p. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

CANCLINI, Néstor G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

FREITAS, L.C. VIANA, Ana P.P. ANDRADE, T.S.O.M. CASATRO, J.S.BATISTA, W.S. NETA, R.N.F.C. *educação ambiental para o período do defeso da pesca: uma abordagem na escola e com familiares dos estudantes de uma comunidade pesqueira do Maranhão, Brasil*. Pesquisa em Foco, São Luís, vol. 21, n. 1, p. 19-33. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Introdução ao turismo*. São Paulo, Rocca, 2001.

OURIQUES, Helton R. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1998, 150 p

OURIQUES, Helton R. *Turismo em Santa Catarina: notas sobre o mercado de trabalho no setor*. Cadernos de Economia – Cursos de Ciências Econômicas Unochapecó. Ano 11, Nº 21, 2007.

PESCADO. *Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1994*, Florianópolis: Instituto Cepa/SC, p.129 - 130, 1994.

ROBINSON, Mike. *Por um turismo consensual*. In: Turismo e cultura: um casamento por conveniência. O correio da Unesco, Brasília, set./out. 1999, p. 22-23.

SEVERO, Christiane Marques. *Pesca Artesanal em Santa Catarina: Evolução e Diferenciação dos pescadores da praia da Pinheira*. Porto Alegre, UFRGS, 2008, 135 p. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural).

SHACKLEY, Myra. *Alta tensão no Himalaia*. In: Turismo e cultura: um casamento por conveniência. O correio da Unesco, Brasília, set./out. 1999, p. 28-30.

TEIXEIRA, Anna C. O. K. *O porto de Natal: sua importância para o comércio exterior do RN*. Trabalho Conclusão de Curso para o curso de engenharia civil da Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo, Studio Nobel, 1996.

ZANELLA, Cláudia Cristina. *Atrás da porta: o discurso sobre o turismo na Ilha de Santa Catarina (1983 – 1998)*. Florianópolis, UFSC, 1999, (Dissertação de Mestrado em História).